

Vol 6 Issue 12 Sept 2017

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Dr. T. Manichander

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinteau Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMAR LAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V. MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
Awadhesh Kumar Shirotriya	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S. KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept. English, Government Postgraduate College , solan

More.....



A EDUCAÇÃO BÁSICA NO CAMPO E O (DES)PREPARO COGNITIVO DOS PAIS DOS ALUNOS

(Basic Education in the Countryside and the Cognitive Unprepared of the Students' Parents)

Águida Meneses Valadares Demétrio¹ and Rita Maria dos Santos Puga Barbosa²

¹Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2017);

² Pós-doutora em Educação Física pela UFSC; Doutora em Educação Física pela UNICAMP; Mestre em Ciência de Alimentos; e em Educação.

ABSTRACT

In the process of Basic Education in the countryside. The countryside school has a primordial role in the student's literacy. Pedagogical mediation is inserted in the educational context of a teacher-student interaction. Aiming to develop the process of knowledge building. When the teacher becomes the facilitator element leading the students to understand certain topics of the curriculum in the process of teaching-learning. These interpersonal relationships guide students to develop cognitive processes through reading, comprehension, and writing. In this context, Freirian theories are applied, because regionalism becomes important seeing that daily life in the pedagogical process becomes a facilitator. The explanation of the world for students is part of understanding their own presence in the world. And with this methodology, there are no dichotomies between living and learning. "And this is made explicit, or suggested, or hidden, in the 'reading of the world' which always precedes the 'reading of the word' according to Freire. Ethnographic research of the technical participant observation and free interviews which showed that the teacher is the holder of the fundamental pedagogical obligation for assigning to him the educational responsibility of the students with little interaction of the parents.



KEYWORDS: countryside education; Freirean theory; Regionalization; Specific Political-Pedagogical Project.

1 INTRODUÇÃO

Ao nos referirmos à educação básica no campo, nos reportamos a uma escola “realmente” integrada às ações camponesas, com o processo político-pedagógico direcionadas ao universo rural, observando as diversas vertentes interligadas nesse processo, desde atividades voltadas à zona rural, quando aos sujeitos envolvidos, direta e indiretamente, a abranger alunos, professores, pais.

Quando da coleta de dados para a pesquisa da Dissertação do mestrado, detectamos esta lacuna quando analisamos o “Quinteto das necessidades” no projeto de assentamento Tarumã Mirim Nessa tríade, um dos elementos formadores era a Educação Rural, o que nos levou ao aprofundamento do referido item, pela relevância do assunto.

Diversas são as características essenciais constituintes de uma comunidade em um assentamento rural que propiciam os aspectos socioeconômicos, porém vale citar prioritariamente cinco: saúde pública, educação escolar, as possibilidades de acesso (estradas), os cursos que capacitam e orientam os assentados e os subsídios que possibilitam melhor produtividade. No decorrer da entrevista estruturada com 70 (descritos como ENT-1 a

ENT-70, devido ao sigilo da pesquisa).

Aos entrevistados, assentados do projeto de assentamento Tarumã Mirim, foram apresentados os cinco itens mencionados e lhe foi solicitado que relatasse, por ordem de prioridade, o que mais necessitaria melhorar no assentamento, para uma análise mais profunda da realidade daquele assentamento.

Os dados foram compilados quantitativamente, utilizando-se escala de pesos. Considerou-se que a prioridade mais importante deveria ser citada em primeiro lugar (Prio-1), tendo, portanto, o maior peso, ou seja, peso 5; a segunda prioridade (Prio-2) teria peso 4, e assim sucessivamente. A quantidade mencionada na coluna Prio- refere-se ao número de vezes em que foi citada pelos entrevistados, cada uma totalizando 70 ao final da linha. A partir dessa compilação, formatamos a seguinte tabela:

Necessidades	Prio-1	Peso 5	Prio-2	Peso 4	Prio-3	Peso 3	Prio-4	Peso 2	Prio-5	Peso 1	Total	%
Recuperação estradas	33	165	13	52	12	36	8	16	4	4	273	25,90
Saúde pública	21	105	16	64	14	42	11	22	8	8	241	22,98
Educação escolar	6	30	18	72	24	72	12	24	10	10	208	19,73
Cursos de capacitação	5	25	15	60	9	27	24	48	17	17	177	16,79
Liberção de subsídios	5	25	8	32	11	33	15	30	31	31	151	14,60

Tabela 1 - Quinteto das necessidades em escala de pesos

FONTE: Pesquisa de campo

A educação escolar centrou-se na 3ª posição, levando-se em consideração de elevação de satisfação as estruturas das escolas, a acessibilidade devido aos ônibus escolares a recolher e devolver os alunos às suas residências, e a parte deficitária relacionado à qualidade de ensino e, indiretamente, porém não menos importante, a participação ativa dos pais no que concerne ao acompanhamento às tarefas escolares, conforme mencionado no decorrer deste trabalho.

O cotidiano dos alunos é fonte de informações para que eles desenvolvam o processo da escrita, no registro sistêmico das suas impressões, exercitando neles a capacidade dissertativa. Santos (2007) refuta a monocultura do saber e do rigor, sendo ela a ideia de que o único saber rigoroso é o saber científico, porque contrai o presente, eliminando muita realidade que fica fora das concepções científicas da sociedade. Nessa monocultura há a rejeição das práticas sociais que estão baseadas em conhecimentos populares, conhecimentos indígenas, camponeses, urbanos, mas que não são avaliados como importantes ou rigorosos. Em contrapartida, adota e ressalta como relevante a ecologia dos saberes, o qual o saber científico possa dialogar com o saber laico, com o saber popular, com o saber dos indígenas, com o saber das populações urbanas marginais, com o saber camponês.

Nas interligações com as teorias de Morin (2014, p. 189), essa ecologia dos saberes concilia-se com a dialógica, porque duas lógicas, dois princípios, unidos, podem desenvolver e proporcionar o avanço da ciência, sem que a dualidade se perca nessa unidade, o que leva uma mesma prática a ser interpretada como participando de suas lógicas opostas, ou seja, o racionalismo (através da cientificidade) dialogando com o empirismo (sua prática vivenciada no cotidiano), a verificação (que possa permitir, ou não, a sua falseabilidade) com a imaginação (na formulação das possíveis hipóteses, que poderão ser ou não confirmadas), mas nem por isto elas possam ser mais ou menos válidas.

Esse aprofundamento da ciência só se torna possível na vivência empírica daquilo que se pretende estudar, porque o saber popular também é ciência. Pesquisas realizadas em universidades brasileiras vêm constatando a exatidão de achados do saber popular. Discussões assim podem ajudar as classes populares a ganhar confiança em si ou a aumentar o grau de confiança naquilo que já se achem (FREIRE, 1992, p. 69). Santos (2013, p. 46) complementa esse raciocínio, ao confirmar que a universidade tem um máximo de consciência possível, e é preciso explorá-la, a partir da adoção da ecologia de saberes como uma extensão universitária ao contrário: a extensão convencional é levar a universidade para fora, a ecologia de saberes é trazer outros conhecimentos para dentro da universidade, uma nova forma de pesquisa-ação.

Esses processos da aprendizagem, interligando cientificidade ao empirismo, utilizando elementos da sua realidade dentro da sala de aula, estimula a cognição do aluno, conscientizando-o da sua "leitura do mundo"

e da sua representatividade social, respectivamente. Como educador é necessário ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares estão vivenciando. Essa leitura de mundo, citado por Freire em diversas das suas obras, refere-se inclusive às rotinas tradicionais, que fazem parte da vivência diária de cada um. Não podemos, nas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência.

Na adoção das experiências populares na pedagogia, ele está inserindo a realidade de cada um no contexto pedagógico. Sua explicação do mundo faz parte da compreensão de sua própria presença no mundo. Com essa metodologia, não há dicotomias entre o viver e o aprender. E isso vem explicitado, sugerido, escondido no que Freire chama “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”.

O professor é tão (senão) o mais importante formador de indivíduos capazes de serem semeadores de progresso, de riqueza, de mais educação, e tudo a partir desse processo ensino-aprendizagem, que o ensinou a ler e escrever, a registrar em símbolos gráficos às suas percepções do cotidiano. Na zona rural esta premência e importância interligam-se, devido ao papel fundamental do professor, no processo pedagógico educacional.

A proposta de abordagem teórico-metodológica para este trabalho se fundamentou na pesquisa qualitativa, método etnográfico, tendo como propósito o estudo das pessoas em seu próprio ambiente, utilizando a técnica da observação participante. A etnografia consiste em ver, ouvir, vivenciar, participar das conversas, da rotina in loco do ambiente e dos povos pesquisados (MALINOWSKI, 1978). Este trabalho tem por objetivo geral compreender as teorias freiriana dentro de um contexto rural e captar as percepções dos assentados sobre a representatividade do professor no processo educacional na zona rural.

O projeto de assentamento Tarumã Mirim foi criado em 1970 e com o decorrer do processo foi-se subdividindo em diversas comunidades. Do ramal principal abrem-se as vicinais, que adentram no território rural. O acesso ao referido assentamento pode ser realizado via terrestre, através do Ramal do Pau-rosa, estrada secundária, à altura do KM 21 da BR 174 (sentido Manaus-AM, Boa Vista-RR), e via fluvial pelo Rio Negro através do igarapé Tarumã Mirim a sudoeste e pelo Igarapé Tarumã Açú a noroeste. Limita-se ao norte e ao sul com terras da União de competência da Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA, e possui uma área de 42.910,76 ha com capacidade para assentar 1.042 famílias, (INCRA, 1999), porém existindo quantidade superior ao estipulado, por haver, em diversos lotes, mais de uma família lá residindo.

A imprescindibilidade de conhecer o aspecto educação escolar na zona rural me impulsionou a “vivenciar” a pesquisa, ir a campo, em sentido exato da palavra, em busca de entendimentos para a descrição do fato e o conhecimento da relatado. Para a pesquisa de campo, foi utilizado o gravador, e as informações do “dito” e do “observado” foram registradas no diário de campo, cuja transcrição resultou em 199 páginas, que compuseram as bases empíricas da pesquisa para a dissertação, da qual destacamos fragmentos pertinentes para compor este artigo.

Este trabalho originou-se da pesquisa para dissertação de Mestrado “Lazer e agricultura familiar: complementares ou antagonicos nos aspectos socioeconômicos no projeto de assentamento Tarumã Mirim?”. Tal pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética, através do CAAE 51295515.9.0000.5020 e número de parecer 1.350.135, de 03 de dezembro de 2015.

2. TEORIA FREIRIANA E O ESTUDO REGIONALIZADO

Para o entendimento acerca do processo de ensino-aprendizagem na zona rural, procedemos a revisão bibliográfica da coletânea de Freire (1981; 1983; 1987; 1989; 1992; 1996; 1997; 2000 e 2001), bem como outros autores com pensamentos similares. A mediação pedagógica insere-se no contexto educacional na interação professor-aluno, objetivando desenvolver o processo da construção do conhecimento, quando o professor se torna o elemento facilitador, levando os alunos a compreenderem determinados tópicos do currículo, no processo de ensino-aprendizagem. Essas relações interpessoais norteiam os alunos a desenvolverem processos cognitivos, através da leitura, compreensão e escrita. Esta mediação ocorre (ou deveria ocorrer) em qualquer ambiente educativo, quer seja na periferia, nos bairros elitizados, na zona urbana ou rural. Na modalidade de Educação Básica do Campo, a educação para a população rural está prevista com adequações necessárias às suas peculiaridades, conforme Decreto 7.352, de 04 de Dezembro de 2010, o qual no art. 1º define que populações do

campo são: os agricultores familiares; os extrativistas; os pescadores artesanais ou de criatórios; os ribeirinhos; os trabalhadores assalariados rurais formais ou que estão na informalidade; os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de subsistência a partir do trabalho no meio rural.

Para essas modalidades, o regionalismo se torna pertinente. Ademais, para crianças da região nordeste, palavras como: cerrado, bode, cocada, açude, rapadura, carambola, juá, pitomba, tem mais significados que para crianças da região sul ou sudeste. O inverso também é válido: palavras como amora, morango, caqui, jamelão, pinhão, pitanga, sapoti, possui significado rotineiro para crianças do sul e sudeste, enquanto que na região norte ou nordeste elas poucos significados teriam. Mais especificamente para a região amazônica, da zona rural, palavras como: x-caboquinho, piquiá, pupunha, tucumã, mari-mari, bodó, terçado, têm mais significados locais, porque o cotidiano está imbricado na percepção desses alunos, facilitando esse processo de assimilação/aprendizagem. A aceitação e adequação ocorrem devido às similaridades, pois são palavras que lhes transmitem um significado físico concreto, vivenciados no cotidiano.

O trabalho do professor é essencial, porém, de forma alguma, permite que ignore a importância também extraordinária da intervenção aluno/aluno no avanço progressivo e significativo em seu interior, em virtude da similaridade entre eles, bem como do “dialeto tribal” em seus cotidianos. Às vezes o professor não consegue fazer-se entender com um determinado aluno, enquanto que o colega de sala atinge esse objetivo de forma simples e rápida. Nesse aspecto, é válido entendermos o conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), teorizado por Vygotsky (2012), a explicar que a ZDP é o espaço no qual, graças à interação e à ajuda dos outros, uma determinada pessoa pode realizar uma tarefa de uma maneira e em um nível que não seria capaz de alcançar individualmente. Se realizada com a assistência de outra pessoa mais especializada, no futuro se realizará com autonomia.

O cotidiano dos alunos é fonte de informações para que eles desenvolvam o processo da leitura e escrita, no registro sistêmico das suas impressões, exercitando neles a capacidade dissertativa (FREIRE, 1996, p. 15). O saber popular também é ciência. Pesquisas realizadas em universidades brasileiras vêm constatando a exatidão de achados do saber popular. Discussões assim podem ajudar as classes populares a ganhar confiança em si ou a aumentar o grau de confiança em que já se acham (FREIRE, 1992, p. 69). Esses processos também inserem os alunos no contexto social, instigam-lhes a consciência cidadã, conscientizando-os da sua representatividade social, da sua “leitura do mundo”. Os educadores precisam ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo, para entenderem os grupos populares com quem lidam no contexto imediato e disto formarem caminhos para a aprendizagem.

Essa leitura de mundo, citado por Freire, refere-se inclusive às rotinas tradicionais, que fazem parte da vivência diária de cada um. Com isto os professores estão inserindo a realidade de cada um no contexto pedagógico que lhes apresentam. A explicação do mundo, para os alunos, faz parte da compreensão de sua própria presença no mundo. E com essa metodologia, não há dicotomias entre o viver e o aprender. “E isso vem explicitado, ou sugerido, ou escondido, na ‘leitura do mundo’ que precede sempre a ‘leitura da palavra’ em conformidade com Freire (2000, p.38). Porém, vale ressaltar que uma mesma compreensão de prática educativa, uma mesma metodologia de trabalho não alcança resultados idênticos em contextos diferentes. “É por isso que insisto tanto em que as experiências não podem ser transplantadas, mas reinventadas” (FREIRE, 2001, p. 26), e essa “reinvenção” é o que torna a profissão docente um misto de repetição e renovação, de renascimento do sentimento de realização, a cada aluno que aprende a magia da leitura e da escrita.

Ainda em conformidade com os ensinamentos de Freire (1997 p. 79): “É possível ao educando tornar-se sujeito produtor da significação ou do conhecimento do objeto”. É neste movimento dialético que ensinar e aprender vão se conhecendo, reconhecendo, assimilando. Nessa interatividade entre professor e aluno, a dialética torna-se “aprendizado, tanto para um, como para o outro, sem autoritarismo ou inibições”. O educador já não é o que apenas aquele que educa, transmite informações, ensina a ler e escrever, mas sim aquele que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Nessa inter-relação, ambos se tornam sujeitos do processo em que desenvolveram juntos, sem a necessidade de impor autoridade desnecessária ou submissão desalentadora.

A autoridade necessita ser paridade com as liberdades e não contra ela. “Já agora ninguém educa

ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39). O autoritarismo do professor bloqueia a liberdade de expressão do aluno, inibindo-o nas suas funções de aprendizagem. O professor autoritário, que não interage de forma singular com os alunos, “fecha-se a uma aventura criadora. Nega a si mesmo a participação nesse momento de boniteza singular: o da afirmação do educando como sujeito de conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 49). É por isso que o ensino dos conteúdos envolve a abertura do (a) professor (a) para que o aluno se sinta livre e desinibido para cumprir as tarefas pedagógicas.

A submissão pode gerar rebeldia ou o desencanto pelo aprendizado, instigando a evasão ou bloqueando o aluno no seu cerne mais esplêndido, que é a sua criatividade, ou à vivência ingênua propícia à sua faixa etária. Freire (1989, p. 15) nos elucida que “há a necessidade de os educadores ‘assumir’ a ingenuidade dos educandos para poder, com eles, superá-la”, pois é na proximidade, na mediação, que o aluno vai adquirindo autoconfiança, e superando os bloqueios inerentes da idade. Essas superações ocorrem no processo de ensino-aprendizagem na forma lúdica entre o fazer e o conhecer, sequenciando a vivência com o ensino, observando parâmetros para não infantilizar em demasia o processo, ou fugir totalmente do seu habitat. Enquanto que a concepção “assistencialista” ou de extrema autoridade da educação “anestesia” os educandos e os deixam acríticos e ingênuos diante do mundo, a educação com a assimilação os desafia a pensarem corretamente e não a memorizar. “Enquanto que a educação autoritária é rígida, a segunda é móvel e crítica; daí não se confunda autoridade com autoritarismo, nem liberdade com libertinagem” (FREIRE, 1983, p. 54).

2.1 Ler: Uma decodificação prazerosa

Ler é uma operação inteligente, salienta Freire (1997), difícil, exigente, mas gratificante. Ler é se assumir, permitir que o externo (o que está lendo) se interiorize (ocorrendo a assimilação). Se não assumir, através da assimilação, o que está lendo, não se assume perante o seu desenvolvimento cognitivo, e a leitura em nada lhe acrescenta. Ao ler um texto instigante, curioso, crítico, insurgente, também está “abrindo a mente” para a abrangência do pensamento, a permitir novas concepções advindas de terceiros, através do processo da leitura. “Ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão” (FREIRE, 1997, p. 20), e tal fato leva à comunicação, às interpretações, às assimilações.

Um exercício crítico sempre exigido pela leitura é quando permitimos o trâmite entre experiência sensorial com a cotidianidade, fazendo uma releitura entre o antes (de ler) com o depois. A experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejamos nela capazes de associarmos os conceitos emergentes da experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade, mas não somente da experiência escolar, mas da experiência de vida. Entretanto, quando esses signos se truncam, mesclados por palavras e contextos desconhecidos, e não conseguem criar formas ordenadas ao que se lê, porque o seu “universo rural” lhe remete a uma imagem, e o seu professor lhe ensina outro, fora do seu contexto, há uma dicotomia entre “viver” e “aprender”. Essas discrepâncias interferem no processo de ensino-aprendizagem, porque não houve a assimilação condizente naquilo que lê com o viver, e a codificação não se torna harmoniosa, e a mensagem não se torna clara.

2.2 A escrita e seu registro: codificando o pensamento

Nesse processo educacional regionalizado, intenta-se que o aluno desenvolva a escrita, inserido em um contexto de sua vivência cotidiana, visto que escrever torna-se um ato de codificar os pensamentos, elevando-os da condição de abstratos à categoria de visíveis, dando-lhes um “corpo” que se movimenta, que “fala” uma linguagem silenciosa, porém visível, em uma assimilação à sua realidade. A escrita tem o poder de se adaptar em qualquer ambiente, como “corpo” moldável e adaptável, que conquista o seu espaço, quer no papel, na areia, na lousa, na tela digital. Essa escrita (em forma de corpo, de signo) se registra, se mostra, ora de modo intenso, ora de forma suave, harmonioso, agressivo, dependendo da sua forma de codificação, dos signos que se juntam, e formam as palavras. Essas se deslocam, se alocam, “se apossam” da sua “territorialidade”, contando a sua história, fazendo a sua trajetória, como um “corpo” que se apresenta, e transmite a sua mensagem. Ocorre e permanece, perpetuando-se, porque as palavras ficaram registradas, marcando o seu espaço.

Para discorrer livremente na escrita, há a necessidade de haver interação entre o sujeito “escrevente” e a ação descrita. O conhecimento propicia que o cérebro reconheça palavras que assimilem ao objeto. Luria (2012 p. 143), em sua obra com Vygotsky, no capítulo “O desenvolvimento da escrita na criança”, nos relata que “A história da escrita na criança começa muito antes da primeira vez que o professor coloca um lápis em sua mão e lhe mostra como formar letras”, haja vista que ela consegue assimilar diversas técnicas extremamente complexas em tão tenra idade, comprovando-se a existência dessa bagagem anterior, intrinsecamente registrada em seu psicológico, vindo a facilitar o processo da escrita.

O belo não se mostra somente na complexidade ou na ostentação, mas também na singeleza e na magia da criação. Criação das palavras. Elas possuem a magia de sensibilizar. E esse ato (de ensinar a escrever) credita ao professor o poder de abrir as janelas do conhecimento do aluno, possibilitando-lhes um futuro totalmente diferente daquele que o aluno não teria se não fosse alfabetizado.

Conforme nos ensina Freire (1981 p. 13), “mais que escrever e ler que a ‘asa é da ave’, os alfabetizados necessitam perceber a necessidade de outro aprendizado: o de ‘escrever’ a sua vida, o de ‘ler’ a sua realidade”, pois é na intimidade com a ação escrita, que o aluno se identifica, encontra com mais facilidade as palavras que melhor descreverão aquele fato. Para que a fluência na escrita se proceda sem os “truncamentos” ocasionais, levados inclusive pela dúvida se a palavra está escrita de forma correta, Freire (1986, p. 19-20), em diálogo com Shor (idem, ibidem), recomenda que “em certo momento, você tem que lutar contra a gramática, para ter liberdade para escrever”.

Pela sua própria experiência pessoal, ele aprendeu a desvincular-se da gramática, para que o pensamento fluísse sem os entraves da dúvida. “Quando jovem, aprendi que a beleza e a criatividade não podiam viver escravas da devoção à correção gramatical”. Essa correção gramatical poderá ser observada após o registro do texto, para que a fluência na escrita não seja interrompida no momento da criação textual. “Essa compreensão me ensinou que a criatividade precisa de liberdade. Então, mudei minha pedagogia, como jovem professor, no sentido da educação criativa”, conclui Freire.

Através da escrita podemos compor uma combinação de diferentes materiais de expressões trazidas pelas leituras, atentando-se que a escrita não necessita ser uma prática da disparidade, que cansa e desestimula. Ela tem que ocorrer como uma melodia, que embala, acalma e incentiva, mas ao mesmo tempo, regrada e desejanste. Escrever é criar. É “dar vida” às palavras, e o incentivo à inovação e ao avanço metódico no processo da escrita enriquece o vocabulário dos alunos. Mesmo em tópicos cotidianos há possibilidade de variações na metodologia da escrita, norteando os alunos a criarem conceitos diferenciados, como forma a forçá-los também ao raciocínio. Esta forma aberta de registrar o fato, através da escrita, transforma o aluno em sujeito autônomo, adquirindo seu próprio estilo livre de escrita.

3. A PESQUISA DE CAMPO

Em busca de um melhor aprofundamento acerca da Educação Básica no Campo, para confirmar se o ensino ministrado no projeto de assentamento Tarumã Mirim segue esses preceitos específicos, entrevistei a responsável pela Divisão de Desenvolvimento Serviço de Educação e Cidadania do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA AM, com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE anexado à Dissertação. Esclareceu-me ela que, entre 2004 e 2008, foram implementados por meio de parceria entre INCRA e Universidade do Estado do Amazonas - UEA, um curso de licenciatura na modalidade Normal Superior, ministrado em módulos (períodos) visando a formação de professores para atuar nas séries iniciais do Ensino Fundamental e dois cursos de EJA – Educação de Jovens e Adultos, em parceria com a Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

Estes projetos/cursos abrangeram áreas de reforma agrária de Manaus e entorno, inclusive o referido projeto de assentamento Tarumã Mirim. Na assimilação entre teoria e prática, também acompanhei pais e alunos em suas rotinas nas suas moradias; às margens dos igarapés em seus momentos de lazer; na lida nos seus roçados, intentando compreender essa relação pais/filhos no processo da educação básica na zona rural, porque o processo educacional apresenta-se como um dos maiores elementos formadores cognitivos no ser humano, pois, em concomitância com a educação familiar, formam-se pessoas, educam-se cidadãos, criam-se mentes

pensantes.

Por ser o professor na zona rural o mediador essencial na formação dos indivíduos, através do processo educacional, eles se tornam os principais semeadores pedagógicos, conforme a fala do ENT-30 (53 anos, entrevistado em 2015), ao conversarmos sobre a educação na zona rural, o qual me explicou: “O papel da escola aqui no interior é muito importante, porque aqui tem muita gente que não sabe ler nem escrever. Eles têm o cuidado de botar os filhos na escola, mas a responsabilidade dessa parte da educação escolar fica só a critério dos professores”.

Isto nos mostra o quão importante se apresenta este tópico, que é a educação, na representatividade da comunidade rural, o qual pode ser o princípio do fortalecimento do saber, ou, dependendo do descaso, da estagnação no que concerne ao fator educacional. Ademais, conforme já mencionado, muitos pais não possuem conhecimentos pedagógicos que possam auxiliar os filhos nas tarefas escolares. Em entrevista com o presidente da associação dos assentados, e líder da comunidade em que foi realizado a pesquisa, nos foi esclarecido que,

Para ser professor ou professora na zona rural, eles tinham primeiro entender a nossa realidade. Não é só concursar (ou formar) um professor e jogar aqui dentro. Temos uma realidade muito diferente da realidade da cidade. Aqui tem muitos, mas muitos alunos mesmo, que o que aprendem com relação aos estudos é somente o que ensinam na escola, porque nem o pai nem a mãe sabem ler e escrever, então como vão acompanhar os filhos nas tarefas escolares? Outros pais até que têm estudo, sabem ler, mas a vida diária deles não é fácil, trabalham no roçado de sol a sol, quando chegam em casa, só querem um banho e descanso, não sobra disposição. Pra ser professor na zona rural tem que ter, acima de tudo, vocação, porque o fardo é pesado, e a responsabilidade triplicada, porque cabe somente a ele a tarefa educacional (ENT-35, 53 anos, entrevistado em 2015).

Na entrevista à ENT-56, não alfabetizada, constatamos in loco sobre a responsabilidade educacional do professor da zona rural, devido à gama de responsabilidades lhe atribuída, em virtude da ausência da contrapartida alunos/pais, no processo educacional aos alunos:

Meus filhos vão pra escola. Todos os sete. Não quero que ele fiquem que nem a mãe, que não sabe nem assinar o nome. O pai até que sabe um pouquinho, mas diz que não tem paciência, e que quem tem que ensinar é o professor. A obrigação dele é botar comida dentro de casa, vestir e calçar eles. Pra aprender a ler, escrever e contar, é na escola. Lá tem professor, que ganha pra isso. (ENT-56, 32 anos, entrevistada em 2016).

Várias oportunidades, no período em que demandou a pesquisa de campo (residi durante seis meses, ininterruptos, dentro do assentamento para proceder à coleta de dados), nos levaram às comprovações do papel essencial do professor na zona rural. A cada pai, mãe, avós, foi possível detectar não se tratar de fato isolado, mas sim de regra geral, a incumbência do fator educacional destinado somente aos professores.

A gente libera parte dos meninos pra ir pra escola de manhã, pra ajudar no roçado de tarde. Os outros vão de tarde, porque de manhã tem que ajudar. Nós vivemos do que plantamos e colhemos, e não temos condição de pagar ninguém pra ajudar a gente. É só nós e pronto, então, não tem jeito de passar o dia mexendo com estudo não. A professora até diz: Faz tarefa em casa. Mas ela pensa o quê? Que eles não têm o que fazer? Estudo é bom, mas não enche barriga (ENT-67, 52 anos, entrevistado em 2016)

O bom humor e as situações específicas também acompanharam parte da trajetória para a coleta de dados, sendo que algumas, diretamente relacionadas ao quesito Educação Básica no Campo, tais quais os momentos singelos em que, no lote da ENT-2 (55 anos, entrevistada em 2015). Possui ela nove netos na escola, três deles encontravam-se no roçado, embaixo de uma árvore, acompanhando a avó, e estudando. Um ensinando o outro as tarefas escolares. Perguntei à avó: “Estudando no meio do roçado?”, e ela me respondeu: Preciso de ajuda, porque sou sozinha pra criar esse monte de netos, então os “do meio” vêm me ajudar, e o mais velho fica em casa cuidando dos mais novos”. Voltei a inquirir: “E os pais?”, o que ela me respondeu: “Iche... tãotodos no mundo... largaram aqui e sumiram, então, como não quero descuidar da educação deles, trago pra roça, e uma hora estudam, outra hora me ajudam”.

Outra situação nos provocou risos, ao encontrar pessoas extremamente bem humoradas, encarando a situação “estudo” com tranquilidade.

Eles me chegam aqui falando de raiz quadrada. A única raiz quadrada que conheço são as de algumas mandiocas, que puxo do chão, e a bicha sai danada de torta. Falam de multiplicação, pra mim a multiplicação é o

que preciso fazer pra aumentar o pão de cada dia, que preciso inclusive saber dividir direito, senão não dá pra todos. Mas pra eles, é preciso aprender nos dois jeitos, na vida e na escola (ENT-68, 56 anos, entrevistado em 2016)...

Inúmeras entrevistas possuíram resultados similares, nos demonstrando que, entre educação escolar e subsistência, a sobrevivência física se sobrepõe ao desejo de instruir-se, ou de educar devidamente seus descendentes, porque, “entre mente cheia e barriga vazia” (falas da ENT-12, 55 anos, entrevistada em 2015), o corpo comanda, e os estudos ficam relegados a um plano inferior no patamar da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que há diversas formas da execução do processo de ensino-aprendizagem, quer seja nos módulos do autoritarismo ou da mediação. Em cada processo há a “face” do professor, desenvolvendo a sua atividade com o objetivo de transmitir conhecimentos. Quando esse processo se desenvolve na interação, na mediação, e com a utilização de metodologias, sem dicotomizar o aluno do seu cotidiano, as assimilações ao conteúdo do currículo se processam de forma eficaz.

A escrita, como uma das formas ao letramento do aluno, se harmoniza no processo, quando flui dentro dos seus parâmetros sociais, através de da sua vivência diária, como um continuísmo da sua rotina, transformando o aprendizado em riqueza, progresso, e tudo a partir desse processo ensino-aprendizagem, que o ensinou a ler e escrever.

Na zona rural a representatividade do professor se torna elementar, porque diversos pais ou responsáveis não possui letramento adequado para a mediação pedagógica adequada, ficando somente a cargo do professor a função da inserção da criança no “mundo das letras”, mundo este que, em conformidade com as teorias de Freire, quanto mais próximo do cotidiano do aluno, mais próximo também a sua assimilação no processo de aprendizagem.

Porém, o mais peculiar detectado neste trabalho, demonstrado de forma evidente, são as responsabilidades no que concerne à educação básica no campo destinado somente ao professor, sem a contribuição efetiva dos pais. A interação professor/pais com relação ao processo educacional aos alunos foi observada em poucos lares visitados.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA).
- _____. BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. Diagnóstico Sócio-Econômico-Ambiental do Projeto de Assentamento Tarumã Mirim. Manaus, 1999. Disponível em: <http://marte.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.13.13.15/doc/3003-3009.pdf>. Acesso em: 28 ago 2015.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 23. ed. São Paulo: Autores Associados, 1989.
- _____. Ação cultural para a liberdade. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. Extensão ou comunicação? 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. Política e educação: ensaios. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2001
- _____. Professora sim, tia não. São Paulo: Olho d'água, 1997.
- FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. Medo e ousadia – O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

- SANTOS, Boaventura de Sousa. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo, 2007.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 12.ed. São Paulo: Ícone, 2012.

RESUMO

No processo da Educação Básica no Campo, a escola rural possui papel primordial, no letramento do aluno. A mediação pedagógica insere-se no contexto educacional na interação professor-aluno, objetivando desenvolver o processo da construção do conhecimento, quando o professor se torna o elemento facilitador, levando os alunos a compreenderem determinados tópicos do currículo, no processo de ensino-aprendizagem. Essas relações interpessoais norteiam os alunos a desenvolverem processos cognitivos, através da leitura, compreensão e escrita. Nesse contexto, as teorias freirianas são aplicadas, porque o regionalismo se torna pertinente, visto que o cotidiano no processo pedagógico torna-se facilitador. A explicação do mundo, para os alunos, faz parte da compreensão de sua própria presença no mundo. E com essa metodologia, não há dicotomias entre o viver e o aprender. “E isso vem explicitado, ou sugerido, ou escondido, na ‘leitura do mundo’ que precede sempre a ‘leitura da palavra’ em conformidade com Freire. Pesquisa etnográfica, técnica da observação participante e entrevistas livres, às quais evidenciaram que o professor é o detentor da obrigação pedagógica fundamental, por destinar a ele a incumbência educacional dos alunos, com pouca interação dos pais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação rural; Teoria freiriana; Regionalização; Projeto Político-Pedagógico específico.



ÁGUIDA MENESES VALADARES DEMÉTRIO

Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2017); Especialização em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas - CIESA (2013); Graduada em Ciências Contábeis - CIESA (2001); Experiência na área comercial (empresária no ramo de supermercado); Agente da Pastoral da Sobriedade (atuando em apoio a dependentes químicos e familiares); Escritora (7 obras publicadas sobre as consequências ao uso abusivo das drogas psicotrópicas); Palestrante (orientações sobre relacionamentos familiares).



RITA MARIA DOS SANTOS PUGA BARBOSA

Natural de Manaus-AM, Licenciada, Doutora e Pós doutora em Educação Física. Técnica em Atletismo; especialista em Administração Desportiva; Gerontóloga. Mestre em Ciência de Alimentos; e em Educação. Foi docente FEF-UFAM 1984/2015; Docente credenciada no Programa de Pós-graduação de Sociedade Cultura da Amazônia-UFAM. Autora de livros em educação física gerontológica, imagem corporal, estilo de vida de adolescentes do Amazonas, empreendedorismo na educação física, história de educação física no Amazonas e atletismo

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-
413005, Maharashtra
Contact-9595359435

E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com